

**Uma revisão sobre a
transexualidade masculina
no contexto escolar nos
anais do fazendo gênero.**

*A review on male transexuality
in the school context in the
annals of fazendo gênero.*

Samuel Moreira de Araujo

Mestrando em Educação (PPGE-UFJF)

e-mail: samuca_faefid@yahoo.com.br

Neil Franco

Professor adjunto da UFJF, Doutor em Educação (UFU)

e-mail: neilfranco010@hotmail.com

10

Resumo

A transexualidade se fundamenta na discordância entre o sexo biológico e o gênero através do qual a pessoa se reconhece e deseja ser reconhecida. Devido a pouca visibilidade atribuída a transexualidade masculina no Brasil, seja na escola ou em outros ambientes sociais, acredita-se, a partir de compreensões advindos imaginário social, não ser possível essa transição do feminino ao masculino, portanto, ignora-se essa transição. O trabalho tem como objetivo analisar o que foi produzido academicamente sobre transexualidade masculina no contexto escolar, e para isso realizamos um estado da arte nos anais de sete edições do evento Fazendo Gênero. O estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa e com análise teórica direcionada para o campo das teorias pós-críticas. Concluímos que, como produção acadêmica, a transexualidade masculina aparece de maneira muito discreta nos anais do evento pesquisado.

Palavras Chave: Homem trans. Escola. Revisão. Fazendo Gênero.

Abstract

The transsexuality is based on the disagreement between biological sex and the gender through which a person recognizes himself and wishes to be recognized. Due to the low visibility attributed to male transsexuality in Brazil, whether at school or in other social environments, it is believed that this transition from female to male is not possible, therefore, this transition is ignored. The work aims to analyze what has been produced academically about male transsexuality in the school context, and for that we have carried out a state of the art in the annals of seven editions of the event Fazendo Gênero. The study is characterized as a qualitative research and with analysis directed to the field of post-critical theories. We conclude that, as an academic production, male transsexuality appears very discreetly in the annals of the researched event.

Keywords: Transman. School. Review. Fazendo Gênero.

Aspectos sobre a historicização da transexualidade.

Para se falar de transexualidade, fica distante não pensar em como as identidades de gênero foram se reinventando e se resignificando ao longo do tempo. Segundo Berenice Bento (2012) e Simone Ávila (2014), a transexualidade se fundamenta na não concordância entre o sexo biológico e o gênero através do qual a pessoa se reconhece e deseja ser reconhecida. Através de mecanismos históricos de regulação e normatização do gênero e do sexo ao longo do tempo, como forma de policiar e vigiar o corpo, a medicina utilizou-se artifícios médicos e do poder conferido a esse campo de saber para legitimar e propor um tratamento a essa patologia por eles inventada.

No século XX é possível afirmar que a medicina consagra sua atuação aliada às ciências psi¹ através de documentos oficiais e que determinam os procedimentos para produção de determinados diagnósticos. Em conformidade com as ideias de Bento (2017a, p. 35), foram publicados no início do século alguns trabalhos que implementaram e propagaram termos como “transexuais psíquicos”² que eram utilizados para nomear travestis fetichistas e direcionar outras características consideradas como exclusivas de transexuais, sem buscar diferenciar sujeitos homossexuais e travestis entre si.

Nos anos de 1950 surgem publicações que reafirmam e defendem a especificidade do fenômeno transexual, adquirindo grande visibilidade com o surgimento de associações internacionais que buscavam produzir um conhecimento específico e distinto na construção de diagnósticos para *gays*, lésbicas e travestis. Em 1953, Harry Benjamin, apontou a cirurgia de redesignação sexual como única alternativa terapêutica possível para transexuais, medida que contrariava os demais profissionais da

1 Por ciências psi aqui entendemos a psiquiatria, a psicanálise e a psicologia.

2 Para maiores informações verificar Pierre-Henri Castel (2001).

área de saúde, pois eles consideravam essas cirurgias como mutilações corporais (BENTO, 2017a).

Seguindo cronologicamente as pesquisas que foram feitas sobre esse fenômeno, o professor e psicopediatra do Hospital Universitário John Hopkins, John Money, em 1955 esboça suas primeiras teses sobre o conceito de “gênero” ancorado nas teorias dos papéis sociais do sociólogo Talcott Parsons (BENTO, 2017a).

Por conta dessas formulações, em 1969 realizou-se em Londres o primeiro Congresso da *Harry Benjamin Association*, que em 1977 teve seu nome alterado para *Harry Benjamin International Gender Dysphoria Association* (HBIGDA) que passa a definir o termo cunhado por John Money “disforia de gênero” como:

[...] aquele estado psicológico por meio do qual uma pessoa demonstra insatisfação com o seu sexo congênito e com o papel sexual, tal como é socialmente definido, consignado para este sexo, e que requer um processo de redesignação sexual cirúrgica e hormonal (RAMSEY, 1996 *apud* BENTO, 2017a, p. 176).

A partir desse momento a HBIGDA se legitima como responsável por normatizar o tratamento (*State of Care* ou SOC) das pessoas transexuais no mundo, ancorada ainda pelo livro de Harry Benjamin (1966) na qual ele fornece bases científicas para o tratamento do verdadeiro transexual. Faz-se necessário destacar que a HBIGDA instituiu uma série de normas visando padronizar o tratamento para aquilo que eles próprios instituíram como doença, ignorando todos os aspectos sociais e as pluralidades de experiências que os sujeitos incorporam em suas subjetividades.

A fim de afirmar essas proposições feitas pelos médicos, criaram em 1980 o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM – 3ª versão) da Associação Psiquiátrica Americana (APA) onde incluíram o termo “Transtorno de Identidade de Gênero” que inaugura a sua entrada nesses documentos nas seções sobre “Distúrbios de Identidade de Gêne-

ro” (APA, 1980). Na 4ª versão do DMS lançada em 1994 e insere-se o termo “Transexualismo”, sendo o termo “Transtorno de Identidade de Gênero” substituído nessa mais nova versão do documento, além de apontar componentes diagnósticos exclusivos, como a forte identificação com o gênero oposto e desconforto com o sexo atribuído ao nascer, causando sofrimento clínico ao paciente (APA, 1994).

Além dessa mudança no DSM, o termo passa a ser incluído no Código Internacional de Doenças (CID-10ª versão) da Organização Mundial da Saúde (OMS) no capítulo de “Transtornos da Identidade Sexual” sendo considerado como um “transtorno mental” de ordem sexual. Em 2013 o termo “Transtorno de Identidade de Gênero” deixa de ser utilizado e passa a vigorar “Disforia de Gênero” (com o código f.64.0) a partir da 5ª versão do DSM (APA, 2013).

Em 2018, mereceu atenção a divulgação da 11ª edição da CID-11, edição essa que será lançada em 2022, após 25 anos de existência da versão anterior a OMS publica um novo texto com alterações e revisões. A nova versão que substitui a CID-10, não tem o tópico que classifica a transexualidade como transtorno de identidade sexual e a transexualidade passa a integrar um novo capítulo intitulado “condições relacionadas à saúde sexual” e é classificada como “incongruência de gênero” (CID, 2018).

Por meio dessas políticas de controle, pode se notar que o sexo sempre foi alvo de monitoramento e controle. Paula Machado (2001) reflete sobre como as ciências médicas e psi, atuam como produtoras de um sexo verdadeiro e funcional, visando corrigir ambiguidades que possam fugir do padrão cis-normativo³ imperativo em nossa sociedade.

Nesse processo, crianças e a instituição escolar não escapam dessa supervisão permanente. Todos as pessoas e órgãos que detêm uma certa

3 A cisnormatividade opera, de acordo com Viviane Vergueiro (2015), inscrevendo-se como pré-discursivas marcas corpóreas que se relacionam ao sexo biológico, e que fixam-se como critérios naturalizados e objetivos para definir a normalidade sexo-gênero.

parcela de autoridade sobre determinados sujeitos ficam em estado de alerta, buscando prevenções para evitar que sejam responsabilizados. Com isso:

[...] foram alertados pais, educadores, sendo entre eles semeada a suspeita de que todas as crianças eram culpadas e o medo de que eles próprios viriam a ser culpados caso não desconfiassem suficientemente: tiveram de permanecer vigilantes diante desse perigo recorrente, foi prescrita a sua conduta e recodificada a pedagogia; e implantada sobre o espaço familiar as bases de todo regime médico-sexual (FOUCAULT, 2019, p. 47).

Tendo em vista toda a política regulatória imposta pela medicina e as ciências psi sobre os corpos e as vidas das pessoas dissidentes de gênero, corroboro com as ideias de Richard Miskolci (2012, p. 24) ao refletir sobre essa problemática em relação aos corpos abjetos, no que “[...] *se refere ao espaço a que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que considera uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e a política*”.

Pensando nessa teorização imutável do sexo e na imposição de uma regularização dos corpos abjetos Guilherme Almeida (2012) sustenta-se na restrita visibilidade social e conceitual condicionada aos “homens trans”, “transhomem”, “homem transexual”, “*transman*” ou “*FTM*” (do inglês *Female To Male*, tradução “de mulher para homem”), ou à transexualidade masculina no Brasil; seja essa invisibilidade dessas identidades no mercado formal de trabalho ou no ambiente escolar, pois, para a maioria da sociedade, não é possível a transição de gênero do feminino ao masculino e, portanto, ignora-se essa transição.

Bento (2017a) nos alerta sobre a problemática de se generalizar que a transexualidade está diretamente relacionada ao desejo do sujeito em realizar a “mudança de sexo” ou a realização da cirurgia. Lançando um olhar específico para a questão dos homens trans, a construção cirúrgica

do neofalo não teve grande avanço na medicina; alguns médicos afirmam que poucos são os homens trans (HT) que buscam tais procedimentos devido ao caráter experimental e inicial desses procedimentos, entretanto as cirurgias de mastectomia e histerectomia são as mais comumente realizadas por esse público.

Corroborando com essas discussões Márcia Aran (2010) aponta que a cirurgia de redesignação sexual não é algo exclusivamente almejado pelos sujeitos transexuais, e essa questão da conceitualização da transexualidade é muito mais complexa do ponto de vista teórico e científico.

Neil Franco (2014) e Cristiano Moraes (2016) apontaram um emergente envolvimento em pesquisa com sujeitos trans e travestis a partir dos anos 2010 em todo território brasileiro. A partir desses momentos, esses sujeitos passaram a identificar a escola como lugar de pertencimento apesar de todos os entraves enfrentados culturalmente, socialmente e historicamente que liga a população trans a marginalidade.

Bento (2017b, p. 47) apontou que apesar da inserção desses sujeitos no mundo acadêmico os corpos trans *“já estavam nas ruas, reconstruindo seus corpos, produzindo sentidos originais para a relação entre corpo, sexualidade, gênero e subjetividade”* e a experiência transexual, para nós, se constrói a partir de diversos fatores que envolvem a vida dos sujeitos interferindo na forma como esses interpretam suas subjetividades, seus corpos e sexualidades. Pensar nas interseccionalidades dos sujeitos trans é refletir que esses sujeitos sempre foram vistos a margem da sociedade, principalmente no ambiente escolar.

Partindo dessas argumentações, este trabalho tem como objetivo analisar o que foi produzido academicamente sobre transexualidade masculina no contexto escolar. A pesquisa consiste em um estudo bibliográfico com abordagem qualitativa e têm o intuito de realizar uma revisão sistemática de literatura da transexualidade masculina com foco no contexto escolar a partir Das publicações digitais de onze edições do Seminário Fazendo Gênero (FG).

Como pesquisa qualitativa ancoramo-nos nas definições de Norma Denzin e Yonna Lincoln (2006, p. 20) que compreendem a pesquisa qualitativa como:

[...] uma atividade situada, composta por práticas teóricas, materiais e interpretativas que localiza o/a observador/a no mundo, assim oferece visibilidade a esse mundo. Investiga-se a vida social tentando entender e interpretar os significados que as pessoas atribuem aos fenômenos sociais.

Segundo Edna Rother (2007) existem duas formas de se realizar revisão de literatura. A primeira, revisão sistemática, consiste em realizar uma busca localizada de determinada temática, podendo estabelecer relações de análises com pesquisas qualitativas e quantitativas. Já a segunda, a revisão narrativa, sustenta-se em realizar uma busca ampliada e menos delimitada e se baseiam na maioria das vezes em análises com pesquisas qualitativas.

Posto isso, a pesquisa assume a revisão sistemática como abordagem metodológica com a proposta de analisar as produções científicas disponibilizadas nos Anais no Seminário Fazendo Gênero desde sua criação em 1994 até sua última edição 2017, com o foco em produções que discutam a transexualidade masculina no contexto escolar. Tal interesse investigativo se justifica pelo fato dessa temática ser interpretada como pouco evidenciada em estudos da área, assim como descrito por Franco (2014; 2016) e Nayara Salvador (2019). Destarte, essa proposta metodológica busca articular elementos da pesquisa qualitativa com análise nas teorias pós-críticas, buscando situar os leitores sobre as discussões de gênero e como ocorre esse encadeamento durante a temática e o referido evento.

A produção científica no evento fazendo gênero sobre a transexualidade masculina no contexto escolar.

Partindo da emergente transexualidade masculina em nossa sociedade, vamos analisar a produção científica no contexto do evento FG, onde realizaremos um mapeamento a respeito dessas produções no contexto escolar para demarcar essa produção científica desde a sua criação até o momento, e assim, ancorados nas teorias pós-críticas, analisaremos até que ponto as produções se aproximam, se articulam e divergem entre si.

Nos anais e números especiais de periódicos referentes às onze edições do evento encontramos um total de 5582 trabalhos publicados. A primeira edição do FG aconteceu em 1994 e teve sua décima primeira edição realizada em 2017, todas sediadas na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O FG foi criado em 1994 por uma comissão de pesquisadoras do Centro de Comunicação e Expressão. Ao longo das edições seguintes, o evento alcança um importante papel no local de troca de saberes, pesquisas e experiências variadas nos estudos de gênero e sexualidades devido ao ser caráter interdisciplinar. Nas edições seguintes o evento firma seu lugar no cenário científico internacional e a partir de sua quarta edição nos anos 2000 realiza parcerias com pesquisadores/as de universidades dos Estados Unidos, da Argentina, do Peru, da França e da Itália e passa então a ser considerado um evento internacional.

A proporção e a singularidade deste evento nos mostram um crescimento e um importante movimento de pesquisas realizado ao longo dos anos, tanto pelos pesquisadores envolvidos, quanto pelas demais instituições internacionais parceiras do evento. Desta forma, acreditamos que devido a relevância e importância social na produção de conhecimento

para as diversas áreas que estudam as questões de gêneros e sexualidades, a análise detalhada nos anais desse evento nos permitirá um maior entendimento de como a transexualidade masculina, especificamente no contexto escolar, se apresenta ao longo das edições deste evento.

Para realização da pesquisa, o estudo foi tratado em duas etapas: a primeira refere-se a coleta de dados e a segunda a análise e discussão do material levantado. Na primeira etapa de coleta de dados, verificamos os trabalhos publicados online em 11 edições do evento, sendo descartado apenas os trabalhos referentes ao primeiro FG pois não se encontram disponibilizados online.

Os trabalhos referentes à segunda e terceira edição do Seminário foram publicados em revistas parceiras do evento, com isso, foram analisados os trabalhos de tais edições. Os trabalhos advindos do segundo FG foram publicados em um número especial na Revista de Ciências Humanas, volume 15, número 21, em 1997. Já os trabalhos referentes ao terceiro FG, foram publicados em um número especial da Revista Ciências da Saúde: gênero e saúde, volume 17, número 1, de 1998. A partir da quarta edição do Seminário todos os trabalhos foram publicados digitalmente em anais de eventos.

Para seleção desses trabalhos, ainda referente a primeira etapa, realizamos leituras cuidadosas dos resumos que abordassem a temática transexualidade masculina para, em seguida, delimitarmos se abrangeriam o contexto não escolar ou escolar, sendo este último o foco de análise dessa pesquisa. A segunda etapa concerne em analisar e problematizar os materiais encontrados a luz das teorias pós-críticas.

Localizamos 10 trabalhos que contemplam a temática da transexualidade masculina, sendo 08 trabalhos envolvendo o contexto não escolar (NE) e 02 trabalhos discutindo a transexualidade masculina no contexto escolar (E), conforme apresentado na tabela 1 a seguir.

Tabela 1: Publicações do evento Fazendo Gênero

| | Período | Total de Publicações | Edições | Homens Trans | |
|----------|-------------|----------------------|---------|--------------|---|
| | | | | NE | E |
| Contexto | - | - | - | NE | E |
| | 1994 a 2017 | 5582 | 11 | 8 | 2 |

Fonte: Elaborada pelos autores.

Apesar deste evento ter nos fornecido um número expressivo em publicações nos que se refere às temáticas que se destina no contexto mais amplo, a discussão dentro dos eventos científicos sobre as experiências e vivências escolares de homens trans ainda acontece de forma incipiente. Dessa forma, nosso foco em trabalhar essa temática vem do que já foi apontado por Neil Franco (2014), Nayara Salvador (2019) e Samuel Araujo (2020), sobre a pouca incidência de pesquisas que enfoquem o processo educativo de homens trans. Os trabalhos que trouxeram essas experiências, vieram articulados com trabalhos feitos com travestis e transexuais femininas.

O quadro 1 apresentado abaixo mostra de forma esquematizada os trabalhos encontrados que enfocam o contexto não escolar e escolar de homens transexuais, onde informaremos o título do trabalho, o/a autor/a, o tipo de publicação, o contexto e o ano de publicação e posteriormente apresentaremos uma breve discussão desses trabalhos.

Quadro 1: Trabalhos encontrados

| Título publicação/ autor/a(s) | Tipo de Publicação | Contexto | Ano |
|--|--------------------|----------|------|
| Percepções sobre família e rede de apoio social na transexualidade masculina/ Gustavo Espíndola Winck. | Anais | NE | 2006 |
| Maria, Maria João, João: reflexões sobre a Transexperiência masculina/ Simone Ávila e Miriam Grossi. | Anais | NE | 2010 |
| Os homens transexuais brasileiros e o discurso pela (des) Patologização da transexualidade/ André Lucas Guerreiro Oliveira. | Anais | NE | 2013 |
| O “Y” em questão: as transmasculinidades brasileiras/ Simone Ávila e Miriam Pillar Grossi. | Anais | NE | 2013 |
| Transmasculinidades: invisibilidade, escassez de informações e apagamento histórico/ Vicente Tchalian. | Anais | NE | 2017 |
| Transmasculinidades e mídias digitais: questões metodológicas. Simone Ávila, Miriam Grossi e Richard Miskolci. | Anais | NE | 2017 |
| Transmasculinidades, temporalidades: antropologia do tempo, da espera e do acesso à saúde a partir de narrativas de homens trans/ Camilo Braz. | Anais | NE | 2017 |
| Parentes de prestígio e vida material nas relações familiares de homens trans/ Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego. | Anais | NE | 2017 |
| Vivências de travestis e pessoas trans em espaços educacionais de nível superior no Sul do Brasil e a constituição de suas múltiplas espacialidades/ Adelaine dos Santos e Marcio Ornat/ Anais de eventos/ Contexto Escolar. | Anais | E | 2017 |
| Travestilidades e transexualidades em discurso: processos de subjetivação e resistências nos contextos de uso do nome social em Universidades públicas do Brasil/ Crishina Correa e Miriam Grossi. | Anais | E | 2017 |

Fonte: Elaborado pelos autores.

Propondo uma discussão no contexto familiar temos duas pesquisas empíricas. A primeira de Gustavo Winck (2006) discute as percepções de apoio de familiares de transexuais inseridos em um programa do Sistema Único de Saúde (SUS) para realização do processo transexualizador na cidade de Porto Alegre/RS. Ainda nesse enfoque, Francisco Rego (2017) reflete na cidade de Natal /RN sobre as relações familiares de “parentes de prestígio” e a forma com que a presença dessas pessoas reflete no novo lugar de gênero desses sujeitos.

Averiguando as vivências das transmasculinidades apresentamos três pesquisas: uma bibliográfica, uma etnográfica e outra que se utilizou das mídias digitais (Youtube, Facebook, Blogs) como metodologia. Respectivamente, Simone Ávila e Miriam Grossi (2010) refletiram em uma pesquisa bibliográfica sobre a produção da masculinidade enquanto identidade social na transexperiência masculina. Ávila e Grossi (2013) discutem sobre as transmasculinidades produzidas por transshomens brasileiros, através de uma etnografia *online* e *offline* durante dois anos e meio com 34 sujeitos. Em seguida, discutindo sobre as transmasculinidades e as mídias digitais Ávila, Grossi e Richard Miskolci (2017) apresentaram e debateram as limitações e os desafios na utilização dessa nova forma de se fazer pesquisa.

Buscando refletir sobre a violência e a invisibilidades dos homens transexuais, Vicente Tchalian (2017) discute sobre a produção da masculinidade enquanto identidade social na transexperiência masculina, ressalta o apagamento histórico e a violência sofrida por essa população.

Com um viés nas ciências da saúde, duas temáticas distintas foram encontradas. André Oliveira (2013) realiza uma pesquisa bibliográfica que problematiza de forma crítica a relação de homens transexuais brasileiros com a patologização de sua experiência enquanto pessoa transexual e discute a aceitação desta relação desigual de poder entre o saber médico e a população de homens trans brasileiros. Por outro lado,

Camilo Braz (2017) realiza uma discussão centrada na antropologia do tempo e da espera, contrapondo temporalidades subjetivas e institucionais a respeito do acesso a serviços de saúde para homens trans.

Saindo do universo não escolar e adentrando no universo escolar, duas pesquisas com foco nas vivências de estudantes no ensino superior foram encontradas. Adelaine dos Santos e Márcio Ornat (2017) analisaram as vivências de travestis e pessoas transexuais no espaço educativo superior no sul do Brasil. O estudo se caracteriza como um estudo empírico de cunho qualitativo e com base de análise nas teorias pós-críticas. A autora e o autor entrevistaram homens e mulheres transexuais regularmente matriculados/as no ensino superior. O trabalho não apresenta o foco exclusivo para os homens trans, ele cita que foram realizadas entrevistas com esse público e faz uma discussão mais ampla no contexto da transgeneridade. Concluem que são múltiplas as vivências e os conflitos enfrentados pelas pessoas transexuais e travestis no ensino superior e aponta como ferramenta importante o reconhecimento do nome social desses sujeitos a fim de se evitar discriminações e constrangimentos.

Ainda problematizando vivências trans no ensino superior, Crishna Correa e Miriam Grossi (2017) discutiram as vivências de transexuais masculinos e femininas na graduação e na pós-graduação na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Em uma pesquisa empírica com análise de cunho qualitativa as autoras apontam o uso de nome social nas instituições públicas, as normas federais que regulamentam e garantem esse direito as pessoas trans dentro desses ambientes, além de discutirem as vidas não enlutáveis pelas demais categorias da interseccionalidades. As autoras concluem que os discursos institucionais normativos de gênero produzem uma série de existências e resistências e apropriações que precisam ser enfrentadas por esses sujeitos.

Levando em consideração o que foi apresentado no cenário do referido evento, podemos afirmar que as vivências de homens trans no ensino

superior e na pós-graduação ainda é marcada pela dificuldade da utilização do nome social e também pela não validade desses corpos em tais ambientes de ensino. É possível afirmar ainda, sobre a emergente transexualidade masculina no contexto escolar nesse evento.

Podemos apresentar ainda, o início das pesquisas sobre transexualidade masculina com dois vieses distintos: um focado nas ciências psi e outro na antropologia. O trabalho de Winck (2006), inaugura o campo das ciências psi, campo que iniciou os ditames para o tratamento da transexualidade. Em uma linha diferente e também inédita, temos o trabalho de Ávila e Grossi (2010) que buscaram compreender todas as nuances e processos subjetivos através de um olhar antropológico, visando perceber todos os aspectos que permeiam a vida dos sujeitos em suas subjetividades.

A discussão a respeito da transexualidade masculina e abarcada pelo contexto escolar em eventos científicos sobre as experiências e vivências escolares, no ensino superior e na pós-graduação dos homens trans ainda acontece de forma incipiente. Nenhum dos trabalhos nos trouxeram algum relato com foco apenas em vivências escolares desses sujeitos. Podemos inferir, que esses ambientes continuam sendo um local de expulsão/exclusão desses sujeitos devido ao rompimento das normas cis-hetero-normativas ou até indo de encontro com as pesquisas IBGE/PNAD (2016; 2017; 2018; 2019) onde os sujeitos masculinos estão mais propensos a abandono e/ou evasão escolar, ou no caso de homens trans até a expulsão desses ambientes heteronormativos.

Apontamos experiências de homens trans articulados a pesquisas com travestis e transexuais femininas, que correspondem majoritariamente à totalidade das publicações quando se discutem as transgeneridades no contexto educacional. Acreditamos que esses dados por nós encontrados, corroboram os dados apresentados no quadro 02 pelas pesquisas do IBGE/PNAD (2019) que apontam as mulheres sempre com indicativos superiores aos dos homens em relação aos níveis de escolarização.

Quadro 02 – Nível de escolarização/ano/sexo

| | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 |
|-------------|------|------|------|------|
| EFAI Brasil | 95,0 | 95,5 | 96,1 | 95,8 |
| EFAI Mulher | 95,2 | 95,7 | 96,4 | 95,8 |
| EFAI Homem | 94,8 | 95,3 | 95,9 | 95,8 |
| EFAF Brasil | 84,7 | 85,9 | 86,7 | 87,5 |
| EFAF Mulher | 87,1 | 88,3 | 88,7 | 89,3 |
| EFAF Homem | 82,4 | 83,6 | 84,7 | 85,8 |
| EM Brasil | 68,2 | 68,5 | 69,3 | 71,4 |
| EM Mulher | 73,6 | 73,7 | 74,4 | 76,4 |
| EM Homem | 63,2 | 63,6 | 64,5 | 66,7 |

Fonte: IBGE/PNAD 2016-2019.

Por outro lado, esses dados nos levaram a refletir sobre a evasão escolar não tão recente na educação brasileira. Os dados da mesma pesquisa nos mostram que mulheres evadem menos que os homens, cerca de 41,9% para as mulheres e os homens 58,1%. Deduzimos que a partir desses dados o espaço escolar pode se configurar como alvo almejado por mulheres como lócus de ascensão social e possibilidade de melhores condições de empregos; por outro lado podemos inferir que por esses sujeitos estarem presentes no universo masculino, as demandas sociais que os cercam, podem levar esses sujeitos a assumirem papéis sociais masculinos desde cedo e, por conta disso, talvez deixarem a escolarização em segundo plano.

Rosimeire Santos (2005) empreende discussões sobre insucesso escolar de meninos quando comparados a meninas ao longo da educação básica. Aponta a necessidade de se analisar outras categorias que se fazem presentes nessas relações que, associadas, ampliam o espectro da exclusão escolar no universo masculino, quis sejam, classe, raça, gênero, sexualidade, deficiência e etnia. Neste contexto, ressalta-se a evasão e o insucesso escolar advindos de grupos LGBT's, devido a uma série de dificuldades impostas a esses grupos no ambiente escolar, principalmente aos sujeitos transexuais, que muitas das vezes tem seus nomes sociais negados, a utilização negada do banheiro correspondente a sua identidade de gênero e até o não lugar dessas pessoas nas aulas de educação física, como apontam os estudos de Franco (2014; 2016; 2019), Dayana Santos (2015), Bruno Santana (2017), Salvador (2019) e Silva Junior, Aguiar e Maia (2019) e Samuel Araujo (2020).

Breves considerações

Concluimos neste estudo que a transexualidade masculina ainda aparece de maneira muito discreta ao longo do evento estudado. Quando o foco é direcionado ao cenário escolar, os homens transexuais apenas são citados de maneira indireta nos estudos encontrados não sendo apresentados trabalhos que discorram sobre suas vivências escolares como encontramos em pesquisas que contemplam a transexualidade feminina e as travestilidades, além de inferirmos algumas possibilidades para essa baixa adesão dos homens transexuais ao processo de escolarização. Alguns trabalhos trouxeram essas experiências de homens trans articulados a trabalhos feitos com travestis e transexuais femininas, que correspondem majoritariamente a totalidade dos trabalhos quando se discutem as transgeneridades no contexto escolar.

Outro fator importante a ser salientado se refere a importância das ciências humanas, em especial, os estudos da antropologia, que lança um

olhar atento para todas as nuances que compõem a vida dos sujeitos, buscando enxergá-los de forma integral e humanitária, indo na contra mão do que as ciências psi e as ciências médicas impõem em seus diagnósticos.

Acreditamos que esse estudo poderá impulsionar e inspirar novas outras pesquisas que venham a abranger temáticas que devido ao foco desse estudo não foram exploradas como a transmasculinidades negras em contexto escolar, transmasculinidades na infância e na educação infantil e professores transmasculinos campos que carecem de maiores investimentos e encontram-se abertos para pesquisa nesse campo ainda incipiente, mas emergente da transexualidade masculina no contexto escolar.

Referências

- ALMEIDA, Guilherme. “**Homens trans**”: novos matizes na aquarela das masculinidades? *Estudos Feministas*, v. 20, n. 2, p. 513-523, 2012. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104026X2012000200012/22858> Acesso em 10 de junho de 2020.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders. DSM. 3 ed.* Washington D/C, 1980.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders. DSM. 4 ed.* Washington D/C, 1994
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders. DSM. 5 ed.* Washington D/C, 2013.
- ARÁN, Márcia. **A saúde como prática de si: do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redefinições da experiência da transexualidade.** *In: ARILHA, Margareth; LAPA, Thaís de Souza; PISANESCHI, Tatiane Crenn.* *Transexualidade, travestilidade e direito à saúde.* São Paulo: Oficina Editorial, 2010.
- ARAUJO, Samuel M. **As trajetórias escolares de homens trans: da educação básica ao ensino superior.** 2020. 115f. Texto de Qualificação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora: 2020.
- ÁVILA, Simone Nunes. **FTM, transhomem, homem-trans, trans homem: a emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo.** 2014. 243 f. (Tese) Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 2014.
- AVILA, Simone e GROSSI, Miriam. **Maria, Maria João, João: reflexões sobre a Transexperiência masculina.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 9 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2010. Disponível em: <http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/>

anais/1278255349_ARQUIVO_Maria,MariaJoao,Joao040721010.pdf. Acesso em 02 de agosto de 2020.

AVILA, Simone; GROSSI, Miriam P. **O ‘Y’ em questão: As transmasculinidades brasileiras**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, 2013, Florianópolis. Fazendo Gênero 10 (anais eletrônicos). Florianópolis: Florianópolis, 2013. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1386768141_ARQUIVO_SimoneAvila.pdf. Acesso em 16 fev. 2021.

AVILA, Simone, GROSSI, Miriam e MISKOLCI, Richard. **Transmasculinidades e mídias digitais: questões metodológicas**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499314746_ARQUIVO_TRANSMASCULINIDADESEMIDIASDIGITAIS-QUESTOESMETODOLOGICAS-AVILAGROSSIMISKOLCI.pdf. Acesso em 04 de jan. 2021.

BENTO, Berenice. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. 3ª edição–Natal: EDUFRN. 2017a.

BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: UFBA. 2017b.

BRAZ, Camilo. **Transmasculinidades, temporalidades: antropologia do tempo, da espera e do acesso à saúde a partir de narrativas de homens trans**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499433889_ARQUIVO_Braz,Camilo-TRANSMASCULINIDADES,TEMPORALIDADES.pdf. Acesso em 11 de jan. 2021.

CID – **Código Internacional de Doenças-11**. Disponível em: <https://icd.who.int/es>. Acesso em: 22 fev. 2021.

CORREA, Cristina Mirella de Andrade e GROSSI, Miriam Pillar. **Tra-vestilidades e transexualidades em discurso: processos de subjetivação e resistências nos contextos de uso do nome social em Universidades públicas do Brasil**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: <http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares#T>. Acesso em 11 de jan. 2021.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **Introdução: A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa** in: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Planejamento da pesquisa qualitativa – teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006, p.15-42.

FERREIRA, Norma S. de A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & sociedade**, Campinas, ano 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf> Acesso em 09 fev. 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 8ªed. Rio de Janeiro, ed. Paz e Terra, 2019.

FRANCO, Neil. **Professoras trans brasileiras: ressignificações de gênero e de sexualidades no contexto escolar**. 2014. 266 f. 2014. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia.

FRANCO, Neil. A educação física como território de demarcação dos gêneros possíveis: vivências escolares de pessoas travestis, transexuais e transgêneros. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 47, p. 47-66, maio/2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n47p47>. Acesso em: 09 fev. 2021.

FRANCO, Neil. **Entre as fronteiras do gênero e das sexualidades: professoras travestis, transexuais e transgêneros brasileiras**. 1. ed. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2019. 141p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf. Acesso em 15 fev. 2021.

MACHADO, Paula S. O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 24, p. 249-281, jun. 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000100012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 fev. 2021.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pela diferença**. Belo Horizonte: Autêntica Editora/UFOP, 2012.

MORAES, Cristiano da Silva Brasil. **TRANSEXUAL, TRANSVERSAL, TRANSGRESSÃO: O que dizem docentes sobre pessoas trans* na escola**. 2016 122 f. (Dissertação) Mestrado em Educação. UFRJ, RJ, 2016.

OLIVEIRA, André Lucas Guerreiro. **Os homens transexuais brasileiros e o discurso pela (des) patologização da transexualidade**. Seminário Internacional Fazendo Gênero (Anais eletrônicos), Florianópolis, 2013. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1384804329_ARQUIVO_AndreLucasGuerreiroOliveira.pdf. Acesso em 19 jan. de 2021.

REGO, Francisco Cleiton Vieira Silva. **Parentes de prestígio e vida material nas relações familiares de homens trans**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499263459_ARQUIVO_REGO,Fco.Cleiton.Parentesdeprestigio.FG11GT29.pdf Acesso em 03 jan. 2021.

ROTHER, Edna. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paul. Enferm.**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ape/v20n2/a01v20n2.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2021.

SANTANA, Bruno S. Educação física e transgeneridade: novos olhares e perspectivas sobre diversidades corporais e identidades de gênero. *In: V SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENTRELAÇANDO SEXUALIDADES*, 5., 2017, Salvador, Anais [...]. Salvador, BA: UFBA, 2017, p. 1-10. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30534> Acesso em 20 fev. 2021.

SANTOS, Dayana B. C. A biopolítica educacional e o governo de corpos transexuais e travestis. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 45, n. 157, p. 630-651, jul./set. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v45n157/1980-5314-cp-45-157-00630.pdf> Acesso em 02 fev. 2021.

SANTOS, Adelaine Ellis Carbonar dos; ORNAT, Marcio Jose. **Vivências de travestis e pessoas trans em espaços educacionais de nível superior no sul do Brasil e a constituição de suas múltiplas espacialidades**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498835483_ARQUIVO_Adelaine_Marcio_MM_FG.pdf. Acesso em 03 jan. 2021.

SALVADOR, Nayara R. C. **Pessoas trans na educação básica no Sul do estado do Rio de Janeiro**. 2019. 218 f. Dissertação – (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora: 2019.

SILVA JUNIOR, Paulo M. S.; AGUIAR, Jonathan F.; MAIA, Maria V. C. M. Por um cotidiano escolar transgressivo: quando corpos trans interrogam práticas curriculares. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, 2019 v. 15, n. 33, p. 472-497. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/5300> Acesso em: 03 jan. de 2021.

TCHALAIN, Vicente. **Transmasculinidades: invisibilidade, escassez de informações e apagamento histórico**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498416889_ARQUIVO_ArtigoCompletoVicenteTchalianFG2017.pdf. Acesso em 03 jan. 2021.

WINCK, Gustavo Espindola. Percepções sobre família e rede de apoio social na transexualidade masculina. Seminário Internacional Fazendo Gênero 7 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2006. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg7/st_16.html Acesso em 02 ago. 2020.